

Hipotiposes Pirrônicas

Livro I

Capítulo I: Sobre a principal diferença entre os sistemas filosóficos.

O resultado natural de qualquer investigação é que aquele que investiga ou bem encontra aquilo que busca, ou bem nega que seja encontrável e confessa ser isto inapreensível, ou ainda, persiste em sua busca. O mesmo ocorre com as investigações filosóficas, e é provavelmente por isso que alguns afirmaram ter descoberto a verdade, outros que a verdade não pode ser apreendida, enquanto outros continuam buscando. Aqueles que afirmam ter descoberto a verdade são os “dogmáticos”, assim são chamados especialmente Aristóteles, por exemplo, Epicuro, os estoicos e alguns outros. Clitômaco, Carnéades e outros acadêmicos consideram a verdade inapreensível, e os céticos continuam buscando. Portanto, parece razoável manter que há três tipos de filosofia: a dogmática, a acadêmica e a cética. Sobre os dois primeiros sistemas deixemos que outros falem, nossa tarefa presentemente é descrever em linhas gerais (ὑποτυπωτικῶς) a maneira cética de filosofar (σκεπτικῆς ἀγωγῆς), esclarecendo inicialmente que as nossas asserções futuras não devem ser entendidas como afirmando positivamente que as coisas são tais como dizemos, mas simplesmente registramos como um cronista (ἱστορικῶς), cada coisa tal como nos aparece no momento.

Capítulo II: Sobre os argumentos dos céticos

Na filosofia cética há um tipo de argumentação, ou linha de exposição, geral e outra específica. Na argumentação geral apresentamos as características próprias do ceticismo, seus propósitos e princípios, seus argumentos, seu critério e seus objetivos, assim como os “tropos” ou “modos” que levam à suspensão do juízo (οἱ τρόποι τῆς ἐποχῆς), o sentido em que

adotamos as fórmulas céticas, bem como a distinção entre o ceticismo e as filosofias com que se relaciona. Na argumentação específica, formulamos objeções contra as diversas divisões da assim chamada filosofia. Vamos, pois, considerar em primeiro lugar a argumentação genérica, começando nossa apresentação com os nomes dados ao ceticismo.

Capítulo III: Sobre as denominações do Ceticismo

A filosofia cética é denominada “zetética” devido à sua atividade de investigar (ζητεῖν) e indagar (σκέπτεσθαι); “efética” (ἐφεκτική), ou suspensiva, devido ao estado (πάθος) produzido naquele que investiga após a sua busca; e “aporética”, ou dubitativa, seja, segundo alguns, devido a seu hábito de duvidar (ἀπορεῖν) e de buscar (ζητεῖν), ou devido à sua indecisão quanto à afirmação ou negação; e “Pirrônica”, a partir do fato de que Pirro parece ter se dedicado ao ceticismo de forma mais significativa do que seus predecessores.

Capítulo IV: O que é o Ceticismo?

O ceticismo é uma habilidade (δύναμις) que opõe as coisas que aparecem (φαινόμενα) e que são pensadas (νοουμένων) de todos os modos possíveis, com o resultado de que devido à equípolência nesta oposição tanto no que diz respeito aos objetos (πράγμασι) quanto às explicações (λόγοι), somos levados inicialmente à suspensão (ἐποχή) e depois à tranquilidade (ἀταραξία). Nós o denominamos “habilidade”, não em um sentido especial, mas simplesmente no sentido de “ser hábil ou capaz de algo”. As coisas que aparecem (φαινόμενα) são entendidas neste contexto como objetos da percepção sensível (αἰσθητά), os quais contrastamos com objetos do pensamento (νοετά). A expressão “de todos os modos possíveis” pode ser relacionada seja com a palavra “habilidade”, em seu sentido usual, como dissemos; ou pode ser relacionada com “opõe as coisas que aparecem e que são pensadas”, na medida em que opomos coisas que aparecem a coisas que aparecem, coisas pensadas a coisas pensadas, coisas que aparecem a coisas pensadas e vice-versa, a expressão “de todos os modos possíveis” permitindo designar todas estas diferentes formas de oposição. Ou ainda, podemos relacionar “de todos os modos possíveis” com “coisas que aparecem e que são pensadas”, indicando que não

temos que nos perguntar sobre como o que aparece aparece, ou como o que é pensado é pensado, mas tomamos estes termos no sentido habitual. A expressão “explicações que se opõem” é tomada não na acepção de negação e afirmação (ἀποφάσιν καὶ κατάφασιν), mas na de explicações conflitantes (μαχομένους). “Equilíbrio” (ἰσοσθένειαν) nós usamos no sentido de equivalência quanto a ser crível (πίστιν) ou não crível (ἀπιστίαν), indicando que nenhuma das explicações em conflito é mais crível do que a outra. A suspensão (ἐποχή) é um estado mental de repouso (στάσις διανοίας) no qual não afirmamos nem negamos nada. Ataraxia é a tranquilidade ou ausência de perturbação da alma (ψυχῆς). Como a ataraxia é obtida por meio da *epoche* é algo de que trataremos no capítulo sobre o objetivo do ceticismo [cap.XII].

Capítulo V: Sobre o cético

Na definição do procedimento cético (σκεπτικῆς ἀγωγῆς), está incluída a do filósofo pirrônico: trata-se daquele que possui esta habilidade (δύναμις).

Capítulo VI: Sobre os Princípios (ἀρχῶν) do Ceticismo

A motivação fundamental que leva ao ceticismo é seu objetivo de atingir a tranquilidade (ἀταραξία). Homens de talento, perturbados pelas contradições nas coisas e em dúvida sobre que alternativa adotar, foram levados a indagar sobre as coisas (πράγμασι) verdadeiras e sobre as falsas, esperando encontrar a tranquilidade ao resolver esta questão. O princípio básico (ἀρχή) do ceticismo é o de ὀρον (ἀντικείμεθα) a cada explicação (λόγος) uma outra equivalente (λόγον ἴσον), porque acreditam que assim deixarão de ter uma atitude dogmática (δογματίζειν).

Capítulo VII: O cético dogmatiza?

Quando dizemos que o cético não dogmatiza, não usamos o termo “dogma” como alguns o utilizam, no sentido genérico de “dar a aprovação a algo”, pois o cético dá assentimento a sensações que são o resultado necessário de impressões sensíveis, e ele não dirá, por exemplo, quando sente calor ou frio,

“Não creio estar com calor (ou frio)”. Mas dizemos que o cético não dogmatiza usando “dogma” no sentido, mantido por alguns, de “assentimento a objetos não-evidentes da investigação científica”, pois os pirrônicos não dão assentimento a nada que seja não-evidente (ἀδήλων). Nem sequer ao enunciar as fórmulas céticas sobre o não-evidente, tais como “Não mais [isso do que aquilo]”, ou “Não determino nada”, ou outras que discutiremos mais tarde [caps. XVIII-XXVIII], o cético dogmatiza. Pois, enquanto para o dogmático as coisas sobre as quais considera-se que dogmatiza são realmente existentes, os céti- cos não empregam essas fórmulas de maneira dogmática, como se fossem reais. Isto porque assim como considera que a fórmula “Tudo é falso” se aplica a si mesma além de a tudo mais (do mesmo modo que a fórmula “Nada é verdadeiro”), também a fórmula “Não mais”, deve ser entendida como dizendo que ela própria não é mais isso do que aquilo, e portanto elimina a si mesma junto com o resto. E o mesmo dizemos das outras fórmulas. Portanto, o dogmático mantém serem reais as coisas sobre as quais tem crenças, mas o cético enuncia suas fórmulas de modo que elas próprias se auto-eliminam, e neste sentido não podem ser considerados como enunciando-as de forma dogmática. E o ponto principal é que ao enunciá-las ele diz aquilo que lhe aparece e relata o que sente (πάθος) de forma não-dogmática, sem afirmar nada de positivo sobre o que existe na realidade externa (ἐξωθεν ὑποκειμένων).

Capítulo VIII: O cético pertence a uma escola?

Seguimos a mesma linha quanto à questão sobre se o cético pertence a uma escola. Pois se entendemos que pertencer a uma escola significa aderir a um conjunto de dogmas que dependem uns dos outros bem como do que aparece, e se dizemos que “dogma” é assentimento a algo não-evidente, então consideramos que o cético não pertence a nenhuma escola. Mas se entendemos por “escola” um procedimento que, de acordo com o que aparece, segue uma certa linha argumentativa mostrando como é possível viver corretamente (“corretamente” [ὀρθῶς] entendido como se referindo não apenas à virtude, mas em um sentido mais amplo e aplicando-se à habilidade de obter a suspensão), neste caso dizemos que o cético pertence a uma escola, uma vez que seguimos de modo coerente, de acordo com o que aparece, uma linha de raciocínio que nos indica uma forma de vida em conformidade com as leis e os costumes tradicionais e com nossos próprios sentimentos (οἰκεία πάθη).

Capítulo IX: O cético dedica-se às ciências naturais?

Respondemos da mesma maneira ao examinarmos a questão sobre se o cético dedica-se às ciências naturais. Não estudamos as ciências naturais com o objetivo de proferir asserções com firme convicção sobre os objetos destas ciências. Mas estudamos as ciências naturais de modo a sermos capazes de opor a cada explicação científica uma outra explicação equivalente, e com o objetivo de alcançar a tranquilidade. E é também desta mesma maneira que nos relacionamos com a lógica e a ética, os outros ramos da assim chamada “filosofia”.

Capítulo X: Os cétricos rejeitam o aparente?

Aqueles que afirmam que o cético rejeita o aparente (φαινόμενα) não prestaram atenção ao que dissemos. Pois, como dissemos antes, não rejeitamos as impressões sensíveis (φαντασίαν παθητικήν) que nos levam ao assentimento involuntário (ἀβουλήτως) e estas impressões são o aparente (φαινόμενα). E quando investigamos se as coisas na realidade (ὑποκείμενον) são como parecem ser, aceitamos o fato de que aparecem e o que investigamos não diz respeito à aparência, mas à explicação da aparência, e isto é diferente de uma investigação sobre o aparente ele próprio. Por exemplo, o mel nos parece doce (e aceitamos isto na medida em que temos uma percepção sensível da doçura), porém se é doce em si mesmo é algo questionável, pois não se trata mais de uma aparência, mas de um juízo sobre o aparente. E mesmo se formulamos argumentos sobre o aparente, isto não se deve à intenção de rejeitarmos as aparências, mas apenas de mostrarmos a precipitação do dogmático, pois se a razão nos ilude de tal modo que nos tira até mesmo o aparente de debaixo de nossos olhos, então temos que tomar cuidado no caso das coisas não-evidentes (ἀδήλοισι) para não nos precipitarmos ao segui-la.

Capítulo XI: Sobre o critério do ceticismo

Que aderimos ao aparente é claro a partir do que é dito sobre o critério (κριτήριον) do ceticismo. O termo “critério” é usado em dois sentidos: no

primeiro, os critérios geram crenças sobre a realidade ou não de algo (discutiremos estes critérios ao refutá-los),¹ e no segundo, temos critérios de ação, de acordo com os quais em nossa vida cotidiana praticamos certos atos e evitamos praticar outros, e é destes critérios que tratamos aqui. Dizemos então que para os céticos o critério é a aparência, querendo dizer com isso as impressões sensíveis, uma vez que estas consistem em sensações e afecções involuntárias e logo não estão sujeitas ao questionamento. Portanto, presumivelmente ninguém discutirá se uma coisa existente (ὑποκείμενον) tem esta ou aquela aparência, o que se discute é se de fato corresponde àquilo que aparece.

Aderindo, portanto, ao que aparece, vivemos de acordo com as normas da vida comum (βιωτικήν τήρησιν), de modo não-dogmático, já que não podemos permanecer totalmente inativos. Essas práticas que regulam a vida comum parecem ser de quatro tipos, consistindo primeiro na orientação natural (ὑψηγήσει φύσεως), depois no caráter necessário das sensações (ἀνάγκη παθῶν), em seguida nas leis e costumes da tradição (παραδόσει νόμων τε καὶ ἔθῶν), e por fim na instrução nas artes (διδασκαλία τεχνῶν). Pela orientação natural somos capazes de percepção e de pensamento; é devido ao caráter necessário das sensações que a fome nos leva à comida e a sede à bebida; dadas as leis e os costumes da tradição consideramos em nossa vida cotidiana a piedade (εὐσεβεῖν) como um bem e a impiedade como algo de ruim; graças à instrução nas artes não permanecemos inativos naquelas que adotamos. E dizemos tudo isso de forma não-dogmática.

Capítulo XII: Qual a finalidade do ceticismo?

Nossa próxima questão será a finalidade do ceticismo. “Finalidade” (τέλος) é aquilo visando o que todas as ações e raciocínios são realizados, enquanto que ela própria não existe com nenhum outro objetivo; ou ainda, o fim último do que se deseja. Dizemos ainda que a finalidade do cético é a tranquilidade em questões de opinião e a sensação moderada quanto ao inevitável. Pois o cético, tendo começado a filosofar com o objetivo de decidir acerca da verdade ou falsidade das impressões sensíveis de modo a alcançar com isso a tranquilidade, encontrou-se diante da equipolência nas controvérsias, e sem poder

1 Livro II, 14-17.

decidir sobre isto, adotou a suspensão, e, em consequência da suspensão seguiu-se, como que fortuitamente, a tranquilidade em relação às questões de opinião. Pois aqueles que mantêm uma opinião sobre se algo é por natureza bom ou mau estão sempre perturbados. Quando se encontram privados daquilo que consideram bom, sentem-se afligidos por algo naturalmente mau e passam a buscar aquilo que pensam ser bom. E ao obter isso sentem-se ainda mais perturbados, já que ficam contentes de forma irracional e imoderada e passam a recear que as coisas mudem e percam aquilo que pensam ser bom. Mas, ao contrário, aqueles que não determinam serem as coisas naturalmente boas ou más, não as evitam nem as buscam avidamente, e, por isso, não se perturbam.

Um fato que se conta sobre o pintor Apeles se aplica igualmente ao cético. Certa vez, segundo se conta, Apeles estava pintando um cavalo e desejava representar a espuma em sua boca, porém, sem sucesso, desistiu disto e lançou contra a tela a esponja que usava para limpar os pincéis, conseguindo com isto o efeito pretendido da espuma na boca do cavalo. Do mesmo modo, os céticos pretendiam alcançar a tranquilidade decidindo sobre as anomalias em relação às sensações e aos pensamentos, e incapazes de conseguir isto, suspenderam o juízo. Ao fazê-lo, entretanto, descobriram que, como que por acaso, a tranquilidade seguiu-se à suspensão, como uma sombra segue um corpo. Não supomos, contudo, que o cético não tenha perturbações, mas admitimos que ele sofra as perturbações inevitáveis, pois ele sente frio e sede e várias sensações deste tipo. Mas, mesmo nestes casos, enquanto que as pessoas comuns são afetadas de duas maneiras: primeiro pela afecção ela própria, e, além disso, igualmente, pela crença de que isto é ruim por natureza, os céticos, ao rejeitarem a crença adicional de que estas coisas são ruins por natureza, sofrem menos com isso. Portanto, dizemos que, em relação a questões de opinião a finalidade do cético é a tranquilidade, e em relação ao inevitável uma forma moderada (*μετριοπάθειαν*) de sensação. Mas alguns céticos importantes acrescentaram como uma finalidade adicional, a suspensão do juízo em relação ao que se investiga.

Tradução de Danilo Marcondes

Nota do Tradutor

As *Hipotiposes Pirrônicas* de Sexto Empírico (séc.II) são nossa principal fonte de conhecimento do Ceticismo Pirrônico, e após sua tradução para

o latim (por H. Etienne) em 1562 e subsequente divulgação, tiveram uma influência marcante no desenvolvimento do Pensamento Moderno. Apresentamos aqui os doze primeiros capítulos do Livro I desta obra, que nos parecem especialmente importantes por conterem uma caracterização de alguns dos conceitos-chave do Ceticismo.

Esta tradução baseia-se no texto grego da edição da Loeb Classical Library (Harvard University Press, Cambridge, Mass., e Heinemann, London, 1976 [1a.ed.,1933]), apresentado paralelamente, bem como nas traduções para o inglês de R. G. Bury da edição Loeb, na de J. Annas e J. Barnes (*Outlines of Scepticism*, Cambridge Univ.Press, 1994) e na mais recente de Benson Mates, *The Skeptic Way, Sextus Empiricus's Outlines of Pyrrhonism*, Oxford Univ.Press, 1996. É significativo notar que após mais de 60 anos de existência da tradução de Bury para o inglês, surgiram mais duas novas traduções para esta língua, o que atesta o interesse que a discussão sobre o ceticismo vem despertando na filosofia ultimamente.

Optamos por manter o título original "*Hipotiposes*", embora Bury, Annas e Barnes e Mates o traduzam por "*outlines*", e em espanhol se encontre frequentemente a tradução "*bosquejos*", sendo que ambos estes termos poderiam ser traduzidos por "esboços". Consideramos, entretanto, que o termo "*hipotipose*" tem um sentido bastante específico, designando um tipo de texto, de resto bastante comum na época. Enesidemo (séc. I a.C.), fundador do movimento cético de que Sexto Empírico foi um seguidor, escreveu também *Hipotiposes*, obra hoje perdida. O termo "hipotipose" designa uma figura de linguagem consistindo em uma descrição tão vivida de algo que é como se o tivéssemos diante de nós.² Esta é a definição que encontramos, por exemplo, na *Institutio Oratoria* (IX, 2, 40) de Quintiliano: "trata-se de uma representação dos fatos em termos tão expressivos que cremos vê-los e não apenas ouvi-los". É com base nesta acepção de "hipotipose", bastante distante de um simples "esboço", que preferimos manter o termo original.

2 V. J. Laurent, "La Notion d' 'esquisse' selon Sextus Empiricus", *Revue Philosophique de la France et de l'étranger*, n. 4, Oct./Dec.1993, pp. 649-659.

Departamento de Filosofia da PUC-Rio

Cursos, Publicações e Eventos Programados

Cursos

Cursos Regulares

Além de graduação, mestrado e doutorado, o Departamento de Filosofia da PUC-Rio oferece uma pós-graduação *lato sensu* em Filosofia Contemporânea. Com duração de dois anos, o curso é voltado para aqueles que se interessam em discutir filosoficamente temas do mundo contemporâneo. Inscrições para os programas de mestrado e doutorado no Departamento de Filosofia; para o programa de pós-graduação *lato sensu* na CCE (vide endereços abaixo).

Publicações

- Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio – [o que nos faz pensar]. Números anteriores (à exceção do n. 1, que está esgotado) disponíveis na Secretaria do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

A sair

- Especial sobre Nietzsche.
Org. Kátia Muricy.

Outras Publicações

- *Mênon*, de Platão, edição bilingüe grego/português com tradução e notas da prof^a Maura Iglésias. Primeiro volume da coleção “*Bibliotheca Antiqua*”, série “Grego”. Publicação do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga.
- *Cadernos de Tradução do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*. Volume 1: *O Ver-*

bo Grego “Ser”, Coletânea dos artigos do prof. Charles Kahn (Universidade da Pennsylvania) sobre o verbo *einai*. Coleção “Filosofia Antiga – Os Comentadores”. Publicação do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga.

Grupos Integrados

Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga

Projeto de pesquisa na área de Filosofia Antiga, financiado pelo CNPq e coordenado pela prof^a Maura Iglésias, cujo objetivo é o estabelecimento de um centro de excelência na área. Desenvolve atualmente, além das pesquisas individuais de seus integrantes, as seguintes atividades: (a) formação de uma biblioteca especializada; (b) criação de um banco de dados bibliográficos; (c) formação de novos pesquisadores; (d) cursos de grego clássico e de latim; (e) tradução de textos primários antigos para publicação em edição bilingüe; (f) traduções de autores secundários (comentadores e intérpretes modernos dos textos antigos).

Núcleo de Estudos sobre o Ceticismo

Coordenado pelo prof. Danilo Marcondes, conta com o apoio do CNPq sob a forma de Projeto Integrado, tendo a participação de bolsistas de iniciação científica e de pós-graduação. O núcleo se dedica à análise e discussão de temas centrais da tradição cética antiga e moderna, bem como à leitura de textos clássicos

do ceticismo, sobretudo a obra de Sexto Emprico, mantendo um seminário semanal.

Núcleo Provas, Tipos e Categorias

Projeto de Pesquisa Integrado – CNPq, coordenado pelo Prof. Edward Hermann Hauesler. O grupo reúne pesquisadores dos departamentos de Filosofia e Informática com o objetivo de investigar os conceitos lógicos de Prova, Tipo e Categoria. Além das atividades regulares de pesquisa (seminários, cursos, redação de textos, etc.), o grupo de pesquisa realiza anualmente um encontro de trabalho com a participação de pesquisadores de outras instituições.

Eventos

• Charles Kahn, da Universidade da Pennsylvania, a convite do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga da PUC-Rio, estará nesta universidade proferindo as seguintes palestras:

20/08: “A New Interpretation of Plato’s Socratic Dialogues”;

21/08: “Socrates”;

22/08: “Flux and Forms in the *Timaeus*”;

26/08: “Seminar on Being and To Be”;

27/08: “Religion and Philosophy in the Sisyphus Fragment”;

28/08: “The Autenticity of Plato’s *Seventh Epistle*”.

Na ocasião, será lançado o volume 1 da série “Filosofia Antiga – Os Comentadores”, dos *Cadernos de Tradução do Depar-*

tamento de Filosofia da PUC-Rio, onde estarão reunidos, traduzidos para o português, artigos de Kahn sobre o verbo grego ser e o conceito de Ser.

• Françoise Dastur, da Universidade de Paris XII, dará nos dias 02, 03, 04 e 09, 10 e 11 de setembro, de 10:00hs às 12:00hs, um curso sobre “A Fala no Elemento do Poema. Situação do dito de Georg Trakl”, de Martin Heidegger.

• Gianni Vattimo estará na PUC entre 28 de setembro e 04 de outubro (a data exata ainda está para ser confirmada), onde proferirá palestra sobre “Arte e Verdade”, tema de um capítulo de seu livro *O Fim da Modernidade*. Vattimo também pretende falar sobre seu último livro *Para além da Interpretação*.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Coordenação Central de Extensão (CCE)

Rua Marquês de São Vicente 225, casa XV Gávea – 22453-900, Rio de Janeiro, RJ.

Tel.: 529-9212; 529-9335; 2744148.

Fax 259-1642.

e-mail: mam@rdc.puc-rio.br.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Filosofia

Rua Marquês de São Vicente 225, 1149L, Gávea – 22453-900, Rio de Janeiro, RJ.

Tel.: 529-9310; 239-4085

Fax: 239-4085

e-mail: filod@fil.puc-rio.br

II Congresso Kant

200 Anos da *Metafísica dos Costumes*



A Sociedade Kant-Brasileira, o Departamento de Filosofia da PUC-Rio e o Seminário Filosofia da Linguagem (IFCS/UFRJ) anunciam a chamada de trabalhos para o II Congresso Kant, a ser realizado de 07 a 11 de dezembro em Itatiaia, no estado do Rio de Janeiro. Embora o congresso seja comemorativo dos 200 anos da publicação da *Metafísica dos Costumes*, serão considerados trabalhos referentes aos diversos temas da obra de Kant e à crítica de outros pensadores a ela.

O tempo reservado à comunicação de cada trabalho é de 20 minutos, seguindo-se um debate de 10 minutos. Os interessados devem enviar seus textos, acompanhados de um resumo, até o dia 15^o de setembro. Seria oportuno o envio, até o final de novembro, de uma versão em inglês do texto.

As comissões Organizadora e Executiva estão envidando esforços no sentido de obter apoio financeiro para as despesas com passagens, traslado e hospedagem dos que tiverem seus trabalhos aceitos.

Os trabalhos devem ser enviados para o seguinte endereço:

Comissão Executiva do II Congresso Kant
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Filosofia
Rua Marquês de São Vicente 225, sala 1149L.
Gávea - 22453-900 — Rio de Janeiro, RJ.
Tel.: (021) 529 9310 e (021) 239-4085
Fax: (021) 239-4085
e-mail: ulysses@fil.puc-rio.br

Aos Colaboradores

- 1 As colaborações para esta revista devem ser enviadas em três cópias para o seguinte endereço:

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Filosofia
Rua Marquês de São Vicente 225, 1149L.
Gávea
22453-900, Rio de Janeiro, RJ.

- 2 Os artigos escritos em qualquer versão do *WinWord* poderão ser mandados em disquete (3.5"). Os demais devem ser datilografados ou impressos em espaço duplo, sem uso do verso do papel e, em princípio, devem constar de, no máximo, 30 laudas (30 linhas com setenta batidas por linha). A editoria se reserva o direito de, *excepcionalmente*, aceitar trabalhos que excedam esse limite.
- 3 Não há obrigatoriedade de que o artigo não tenha ainda sido publicado. Em caso de prévia publicação da colaboração que nos for enviada, solicitamos que seja citado o nome e data da publicação onde originalmente apareceu, e que haja a devida aceitação de seus editores.
- 4 Artigos em espanhol, francês e inglês serão aceitos.
- 5 Os autores serão informados sobre a aceitação de seus artigos (favor enviar endereço para contato). Essa aceitação, entretanto, não implica necessariamente na publicação no número seguinte ou em algum número determinado da revista. Sendo estritamente acadêmica, a revista [o que nos faz pensar] não tem como critério de publicação a ordem cronológica em que recebe ou aprova artigos.

Do Começo da Filosofia
Plínio Junqueira Smith

Usos do Ceticismo no
Nascimento da Ciência
Moderna por Gassendi
José Maia Neto

Como discutir os Céticos?
O Caso de Leibniz?
Ezequiel de Olaso

O Mundo do Homem Feliz:
considerações sobre Ceticismo
e Valores
Danilo Marcondes

Crítica Semântica ao Ceticismo
Moderno
Roberto Horácio

Razão, Natureza e
Neopirronismo, a propósito
de "Verdade, Realismo,
Fenômeno" de O. Porchat
Sara Aibieri

Neopirronismo na Filosofia
da Ciência
Luiz Henrique Dutra

Depoimento sobre
Ezequiel de Olaso
Oswaldo Porchat

Ezequiel de Olaso 1932-1996
Richard Popkin

Hipotiposes Pirrônicas I, 1-12
Sexto Empírico

